

Cidade de Deus e as impressões locais

GT 29 Emergencias subjetivas y ciudadanías de resistencia: culturas juveniles y nuevas maneras de ser mujer

Jurema Oliveira¹

Resumo:

A leitura crítica acerca das formas de violência e violação no romance *Cidade de Deus* de Paulo Lins aborda o contexto social externo e a tessitura interna da obra literária, levando à verificação de seu ideário transformador e crítico. O romance em questão, numa visão dialética, estabelece um diálogo com a sociedade em que está inscrito. Ao mesmo tempo em que na especificidade do modo de produção poético, trata de velhas questões com um discurso inovador.

Palavras-chaves: Violência, violação e marginalidade.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.
Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir (ANDRADE, 2001, p. 38).

As marcas da violência detectadas em narrativas contemporâneas refletem os mecanismos estabelecidos desde o “achamento” do Brasil. Segundo Raymundo Faoro, com a pregação, a catequese indígena e as armas fixa-se a conquista. Desde então, “a colonização toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais complexa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu” (FAORO, 2000, p.131). Essa empreitada expansionista, fundamentada na exploração, explica em parte a formação e a evolução histórica do Brasil.

O país passou por várias transformações, articuladas quase sempre de forma arbitrária e autoritária, mas foi na Era Vargas que se intensificaram os mecanismos censórios denunciados poeticamente por Carlos Drummond de Andrade em *A rosa do povo*. A epígrafe do capítulo faz parte desse livro, que focaliza um período negro da História do Brasil, o final do chamado Estado Novo, num “tempo de homens partidos” e “miúdas certezas”.

O estatuto político de um poder amplo e irrestrito começa a ser abalado mais especificamente no final da década de 1970, gerando uma experiência diferenciada acerca do espaço e do tempo. Os

¹Pós-Doutora pela Universidade Federal Fluminense – Uff e Professora Doutora de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes.

princípios do senso comum que estabelecem uma temporalidade e uma espacialidade para todas as coisas passam a ser experimentados, como práticas discursivas, também por aqueles que foram submetidos durante anos à postura universalizante do poder instituído e reconhecido como absoluto.

Assim, aqueles que não estabeleciam uma prática discursiva capaz de agenciar a engrenagem social reconhecida — viabilizadora da ruptura com uma História que “privilegia[va] as ações vindas do Alto e minimiza[va] as práticas de contestação e de resistência social” (CHAUI, 1993, p. 51) — vivenciarão uma experiência inovadora, que vai abrindo, pouco a pouco, lugar para questões diferenciadas como as de classe, gênero ou raça. Nessa esteira temporal e espacial de mudanças, foram iniciadas várias lutas:

Lutas pelo poder frustradas (...) no âmbito de um conjunto de regras determinado geram boa parte da energia social necessária à mudança dessas regras. Em suma, as mudanças nas qualidades objetivas do espaço e do tempo podem ser, e com frequência são, efetuadas por meio da luta social (HARVEY, 1989, p. 208).

As sociedades capitalistas, em geral, costumam exercer o “domínio sobre o dinheiro, o tempo, e o espaço”(HARVEY, 1989, p. 208) para formar o nexos substancial de poder social. As particularidades geradoras da hegemonia ideológica e política só se sustentam enquanto houver um controle amplo do “contexto material da experiência pessoal e social” (HARVEY, 1989, p. 208). Na atualidade, quando os perfis são construídos a partir do princípio do “ter” em vez do “ser”, evidencia-se o surgimento de indivíduos “bons” e “maus”. Assim, “bons” são aqueles que se adaptam; ‘maus’, os que não se adaptam” (LINS, 1990, p. 44). O processo de exclusão de determinados indivíduos ou grupos encontra respaldo na impossibilidade de materialização e significação do dinheiro, do espaço e do tempo que garante a manutenção do poder político àqueles considerados “bons” e contribui para a deterioração ainda maior daqueles que adquiriram o *status* de “maus”. Segundo Félix Guattari e Suely Rolnik:

Tais mutações [geradas pela exclusão] da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquímicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas. E se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social a nível macropolítico, macrossocial, diz respeito também à questão da produção da subjetividade, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 26).

Para ampliar esta visão, pode-se recorrer a Michel Maffesoli. O termo tribo — reinventado por este autor — parece dar conta dos movimentos grupais de sociedades que experimentam uma transição explosiva de mudanças comportamentais e de valores tanto individuais como coletivos em contextos urbanos como aquele de *Cidade de Deus*, onde os indivíduos efetivam uma “emancipação” às avessas. A “cidade”² funciona como um refúgio de indivíduos que vivenciam um processo de desindividualização e um desgaste das marcas humanizadoras. As tribos controlam o “pedaço” provisoriamente, pois o tempo é de incertezas e as redes de relações comerciais estabelecidas ali são frágeis, devido ao tipo de mercadorias que circulam no local.

Assim, a conduta organizacional dos negócios envolve assaltos, roubos, tráfico de drogas, assassinatos e um sentimento de descontinuidade e de desqualificação dos integrantes das tribos. Estes dominam os espaços, aprisionando, ameaçando os próprios comparsas e todos os seus opositores, mas não conseguem significar positivamente, já que o anseio de mudanças desses grupos transforma-se em carnificina, destruição e negação de qualquer dinâmica social transformacional.

A atualidade vê eclodir uma infinidade de estilos de vida não experimentados até então por todos os indivíduos. As décadas passadas foram épocas de perspectivas de conquistas vinculadas à

² O termo “cidade” usado aqui entre aspas será para diferenciar a idéia de cidade contexto, espaço no qual as obras são contextualizadas, daquela imaginada pela ficção para encontrar a “linha de fuga” da cidade sitiada.

durabilidade e à continuidade das relações humanas e de suas práticas sociais no plano individual e coletivo. Os valores consolidados nessas décadas sucumbiram para dar lugar a outros, momentâneos e efêmeros, como aqueles decorrentes do consumo desenfreado de supérfluos para preencher o vazio gerado por um compulsivo e inatingível desejo de satisfação, estimulado todo o tempo pela mídia. Nesse “terreno movediço”, o sujeito precisa “esquecer para transitar sem embaraços no eterno presente” (FRIDMAN, 2000, p. 82) das novidades. Essa fluidez dos atos humanos define a identidade individual daquele arsenal, daquele contingente de pessoas que vivem o “desmantelamento” e a “reconstrução” constante da vida na contemporaneidade.

De acordo com Luís Carlos Fridman, “a plasticidade do eu é um passaporte para a viagem no universo do consumo, com seus ‘êxtases’ de experiências e sensações que nunca são os últimos” (FRIDMAN, 2000, p. 82). “Consumidores aptos” apresentam uma fluidez identitária, estratégia necessária para efetivar a vida na contemporaneidade. Constata-se aqui uma “urgência dos prazeres, em nítida discrepância com o adiamento, a renúncia ou a supressão dos instintos abordados por Freud” (FRIDMAN, 2000, p. 82) acerca do princípio do prazer.

Num pólo oposto encontram-se os não afortunados, fixados em um espaço-tempo impossibilitado de concretizar desejos e realizações. Se os valores abordados por Freud foram abortados pelos “consumidores aptos”, também foram retirados dialeticamente do campo de visão, ainda que idealisticamente, daqueles “consumidores inaptos” para vislumbrar as mais variadas possibilidades de experiências sensoriais nunca satisfatórias. A ideia de satisfação, tão presente no plano metafórico e tão distante, de fato, da realidade, pode ser percebida num alargamento de sentido no uso de drogas pelos personagens de *Cidade de Deus*. A sensação de sucesso provoca em Salgueirinho, ao ganhar o prêmio de melhor passista da escola que tem a bateria nota 10, um desejo esfuziante de beber, fumar e cheirar cocaína:

Salgueirinho ganhou novamente o prêmio de melhor passista. Chorou rindo, bebeu, fumou bagulho bom à pamparra, cheirou brizola da melhor qualidade na comemoração da vitória de seus passos, da bateria nota 10, do mestre-sala e da porta-bandeira mais famosos do Carnaval (LINS, 1997, p.101).

Esse plano de realização e sucesso às avessas pode também ser efetivado nas práticas de assaltos e assassinatos sem nenhum constrangimento moral por parte dos “Anjinhos da Cidade de Deus”, que “faziam qualquer transação com a arma engatilhada” (LINS, 1997, p.101), pois precisavam dominar o espaço ainda que arbitrariamente.

Dominar o espaço do ponto de vista social pressupõe uma articulação temporal estratégica, pois “o domínio dos espaços e tempos é um elemento crucial na busca do lucro” (HARVEY, 1989, p. 207). Um exemplo claro dessa articulação se dá na especulação imobiliária, já que “o especulador imobiliário que tem dinheiro para esperar enquanto controla o desenvolvimento dos espaços adjacentes está numa situação melhor (...) do que alguém que não tenha poder em alguma dessas dimensões” (HARVEY, 1989, p. 207). Cabe ressaltar, no entanto, que, ao longo da História, o dinheiro vem sendo usado para dominar o tempo e o espaço interno, do ponto de vista nacional, e externo, do ponto de vista internacional. Isto ocorre naqueles universos que não dispõem da dinâmica necessária para efetivar um domínio territorial condizente com os anseios daqueles que contribuíram e contribuem para a permanência dos que ocupam os gabinetes do poder, visto que “quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social” (HARVEY, 1989, p. 207).

Esse jogo social que dinamiza as relações econômicas num plano empresarial também é usado entre os membros que controlam as “bocas” na “cidade”. A dinâmica, a rapidez e a complexidade dos fatos envolvem os articuladores ora como ganhadores, ora como perdedores, numa reversibilidade permanente. Dominar o tempo e o espaço exige muitas vezes que esses articuladores estabeleçam jogos perversos, como os das narrativas de Rubem Fonseca, um dos precursores no Brasil da representação

de temas dicotômicos, como o bem e o mal, o certo e o errado, a violência e a violação, entre outras questões que norteiam a vida diária dos grandes centros urbanos.

A tendência para subverter uma ordem discursiva — de encontrar novos sentidos — que extrapole e viole a ordem de um discurso normativo ter-se-ia iniciado com Rubem Fonseca e se consolida de certa forma com Paulo Lins. Este, dando voz aos que são o símbolo da exclusão, encena a reação que explode nas ações e práticas daqueles que viram sonhos e anseios serem fixados num espaço nada condizente com o nome Cidade de Deus.

O romance de Paulo Lins tem um aspecto híbrido, isto é, oscila entre uma memória documental e o seu caráter ficcional construído por relatos e comentários de um narrador onisciente e onipresente e de personagens que assumem temporariamente o *status* de narrador. As falas dos personagens mantêm-se no âmbito da desterritorialidade³, isto é, têm as marcas do local, como as gírias e os termos de baixo calão. O enunciado liga as décadas de 1960, 1970 e 1980 por meio da memória documental. A ficção de Paulo Lins valoriza o geral (coletivo) e o particular (individual). Os protagonistas dão título aos capítulos e a coletividade, discursivamente, se materializa na enunciação, juntamente com outras comunidades cariocas, como se pode verificar na passagem abaixo:

Pequeno queria fazer uma festa muito maior do que as feitas pelo bicheiro China Cabeça Branca na área dos seus pontos de bicho no morro de São Carlos e no da Tijuca. Mandou comprar dezenas de presentes, doces caros, centenas de caixas de refrigerantes para animar a garotada. É certo que foram os bicheiros os primeiros a investir de todas as maneiras na população vizinha às suas áreas, mas agora, quando o tráfico se estabilizava plenamente nas favelas e morros do Grande Rio e Baixada Fluminense, os traficantes acharam por bem investir também eles na área em que atuavam. Agradando as crianças, não só ficavam de bem com são Cosme, Do Um e são Damião, como também com os moradores, que avisavam sobre a polícia e faziam favores (LINS, 1997, p.353).

De acordo com Homi Bhabha, a fragilidade das fronteiras enunciativas deixa transparecer uma gama de vozes e histórias produtivas, mas, também, dissonantes. O deslocamento e as disjunções abrem espaço para novas perspectivas e novos enfoques artísticos, já que a fratura das fronteiras marca as novas produções literárias e abre um precedente para o novo que não é “parte do continuum de passado e presente” (BHABHA, 1998, p.27). A fratura dessas fronteiras é decorrente de rupturas causadas por fatores de ordem sociopolítica devidos as relações sociais deterioradas, ou mesmo de ordem estética.

O romance *Cidade de Deus* valoriza o espaço e, no registro discursivo, evidencia-se a carga dramática que o lugar imprime às cenas. O personagem retratado vive sua existência angustiada com uma subjetividade esfacelada. Ele procura sobrepor-se à existência desequilibrada, ora lutando para dominar becos e bocas de “sinistros — silêncios com gritos — desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (LINS, 1997, p.18), ora provando sua masculinidade quando mata os inimigos. Segundo Alba Zaluar, essas articulações e outras representações simbólicas ligadas ao uso da arma de fogo, ao dinheiro fácil, à conquista das mulheres, “o enfrentamento da morte e a concepção de um indivíduo completamente autônomo e livre, revelam que as práticas do mundo do crime vinculam-se a um *ethos* da virilidade” (ZALUAR, 1997, p. 45), ou, por que não dizer, ao papel representado por aquele que tem o título de chefe, ainda que temporário, já que nada ali é duradouro:

Damião comandava o tráfico junto com Cunha naquela área de Cidade de Deus. Alternavam-se nas vendas, mas iam buscar a mercadoria, endolavam e faziam a administração do movimento juntos. Os outros bichos-soltos dos Apês não tinham nenhum envolvimento com o tráfico. Raras eram as ocasiões em que ajudavam nas vendas ou na endolação. Cunha convenceu Damião a parar com os assaltos e iniciar-se no tráfico argumentando sobre os riscos reduzidos do negócio e o crescimento fabuloso do número de viciados.

³ Os termos desterritorialidade e reterritorialização foram tomados de empréstimo a GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. Estes termos foram apresentados aos leitores na obra *Micropolítica: cartografia do desejo*, 1996, p.22.

— Tá todo dia no jornal, só cego é que não vê! Quem tá ganhando dinheiro é dono bordel, cantor de rock e traficante, meu cumpádi!

Com o correr dos dias, Damião assegurava-se de que o amigo tinha razão. Comprou móveis, ladrilhou a cozinha e o banheiro, botou piso na sala de seu apartamento, estava sempre com dinheiro. O movimento da boca era espantoso, a freguesia crescera tanto quanto era possível crescer. Os dois sabiam que mais dia, menos dia a boca seria descoberta pela polícia. Por isso aos sábados, dia de maior movimento, pediam a Chinelo Virado, então com dez anos, para colocar uma pipa no alto e debicar pra esquerda caso a polícia aparecesse de repente (LINS, 1997, p.124).

As ações dos personagens têm o colorido local, nos planos e figuras construídos num espaço-refúgio repleto de becos que são verdadeiros labirintos banhados pelos “tons vermelhos do barro batido” (LINS, 1997, p. 19), que “viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido” (LINS, 1997, p.19). A Cidade de Deus, com suas vielas, é ao mesmo tempo atraente, perigosa, favorável e maléfica. A dinâmica do espaço vai, pouco a pouco, delineando a forma/conteúdo da obra. A narrativa romanesca exprime-se em termos de paisagem, de lugar, de caminhos, de moradia e retrata figuras violentas, ingênuas, infantis e sonhadoras: “Os novos moradores (...) levaram também as pipas, lombo para a polícia bater, moedas para jogar porrinha e força para tentar viver. Transportaram também o amor para dignificar a morte e fazer calar as horas mudas” (LINS, 1997, p.18).

A ficção recria a vivência do ontem, o “antigamente”, com o intuito de dar veracidade a um “agora”. O narrador apresenta ao leitor o espaço físico, o lugar, o cenário da *Cidade de Deus*. O simulacro daquilo que se quer vivenciado. A narrativa depreende o ontem e o hoje, para contar a história de Cabeleira, na década de 1960; de Bené, na década de 1970; e de Zé Pequeno, na década de 1980, histórias que representam uma coletividade que resiste a todas as vicissitudes, principalmente as que são ora provocadas pela atuação dos traficantes, ora pela ação desordenada da polícia. A narrativa desenvolve-se num contexto trágico que oscila entre a guerra e a paz temporária:

Lá em Cima, a guerra estava praticamente terminada: os homens de Messias mataram a maioria dos inimigos, Ratoeira fora preso e o restante conseguiu fugir da favela. Os moradores das Últimas Triagens deram graças a Deus pelo final daquela saga, porque Messias e seus homens fizeram buracos nas paredes divisórias das pequenas habitações para fugir dos inimigos e da polícia. Entravam numa casa a qualquer hora da noite ou do dia, atravessavam os buracos e saíam distante dos inimigos ou da polícia (LINS, 1997, p.542).

Contraditoriamente, o Messias, símbolo da “boa nova”, ou de uma nova era, é quem vai combater os concorrentes da boca-de-fumo. Essa “desorganização social”, metáfora de uma zona da cidade marcada pela pobreza e pela decadência de valores tradicionais, se amplia e abre caminho para a crise da moralidade, dos laços familiares e de vizinhança, o que favorece as atividades criminosas. De acordo com um estudo feito por Alba Zaluar, as gangues juvenis tornam-se um fenômeno peculiar, diretamente ligado à divisão do espaço urbano, primeiramente nos Estados Unidos na década de 1920, e no Brasil nessa mesma época, inicialmente no Rio de Janeiro e, posteriormente, em outras cidades, ou em bairros onde o “Messias” não é Deus, mas o “bicho-solto”.

Os espaços de proliferação dessas gangues na área urbana são as favelas e os bairros populares, ligados geralmente a agremiações do tipo blocos de carnaval, times de futebol, com o intuito de buscar representatividade para expressar a rivalidade pertinente à demarcação dos espaços. Essa rivalidade às vezes explode em conflitos violentos — como os de épocas passadas, entre grupos, na apoteose dos desfiles dos concursos carnavalescos e nas competições esportivas. No entanto, esses também são momentos em que se revela a importância da festa como forma de sociabilidade para pregar a união, a comensalidade, a mistura e o festejar como antídotos da violência sempre mais contida ou transcendida por ela. Dialeticamente, o espaço da festa, ou do baile comunitário dos fins de semana, reúne todo tipo de jovens, mas geralmente há ali certo entrosamento grupal:

Aos sábados havia baile no clube, onde se encontravam os bandidos, os maconheiros, as vadias e a rapaziada do conceito. Os conjuntos musicais tocavam canções de Jorge Ben, Lincoln Olivetti, Wilson Simonal e outros. A diretoria do clube comandava o melhor time de futebol de Jacarepaguá, fazia angu à baiana, feijoada aos domingos para os sócios, organizava excursões, campeonatos e torneios de futebol de salão. Para o baile de sábado a diretoria preparava dezenas de garrafas de batida de limão, calcinha-de-nylon e leite-de-onça. Compravam cerveja e salgadinhos para vender durante o baile, acontecimento social mais importante da época. (LINS, 1997, p.36).

A sociabilidade, explicitada na citação anterior, encontra na diretoria do clube o seu ponto de apoio, já que ela comanda o maior time de Futebol de Jacarepaguá. O esporte tem grande importância na pacificação dos costumes. O Rio de Janeiro destaca-se, nas análises sociológicas, por ser o centro irradiador e propagador de organizações que se espalharam pelo país, como as agremiações esportivas, concursos e desfiles carnavalescos, que envolvem bairros e segmentos populacionais distintos que, surgidos no século passado, impulsionaram as competições “entre bairros, vizinhanças pobres ou grupos de diversas afiliações” (ZALUAR, 1997, p.39).

Dentre essas expressões, destaca-se o futebol — que efetiva a transgressão de que fala Georges Bataille — apresentado, representado e vivenciado em locais públicos com mais sofisticação que qualquer outra atividade coletiva. Na ficção esta ação positiva tem um espaço representativo e definido para os campeonatos e torneios do conjunto habitacional: “Numa parte do Outro Lado do Rio, foram construídas casas menores. Ali estavam os campos do Paúra e do Baluarte, onde os times de futebol faziam campeonatos e torneios” (LINS, 1997, p.33). Num processo compensatório, o narrador descreve plasticamente panoramas e personagens que vislumbram temporariamente a solidificação de laços conjuntivos aglutinadores da ideia de coletividade.

Bibliografia:

- 1 - ANDRADE, Carlos Drummond de. Primeira parte do poema “Nosso tempo”. In: *A Rosa do Povo*, 2001.
- 2 – BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- 3 - BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Coleção Humanitas.
- 4 – CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- 5 – FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato brasileiro*. 10 ed. São Paulo: Globo, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro). Vol. 1.
- 6 – FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- 7 – GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- 8 – HARLEY, David. *Condição pós-moderna*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- 9 – LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- 10 – MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- 11 – ZALUAR, Alba. “Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência” In: VIANNA, Hermano. (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

